

Guilhermina Suggia

A maior violoncelista portuguesa de sempre

■ MARIA FERNANDA MELLA

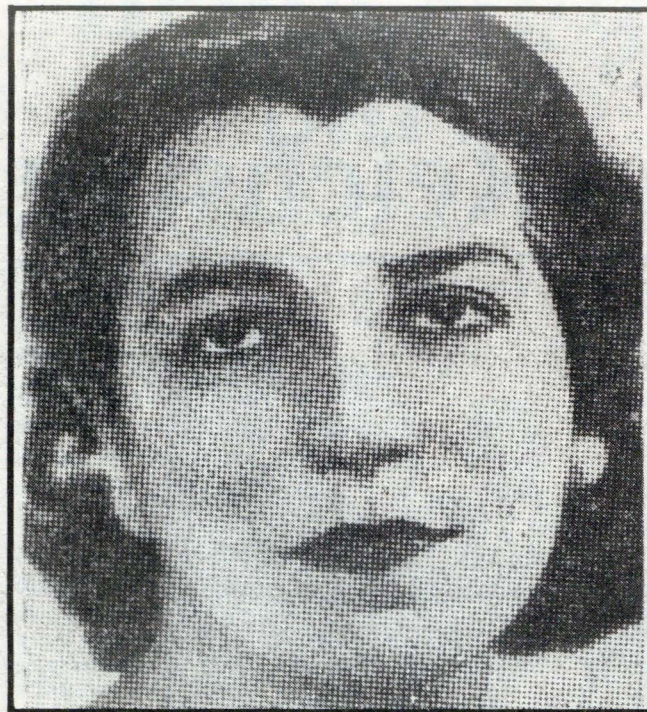
Acabam de completar-se 40 anos sobre a morte de Guilhermina Suggia. Foi, indiscutivelmente, uma das primeiras figuras entre os violoncelistas de todo o mundo e a maior entre nós. Artista extraordinária, Guilhermina Suggia sabia, como poucos, arrancar do seu violoncelo sonoridades de magia, que as suas mãos vibrantes e o seu coração de Mulher humanizavam.

A vida de Suggia foi um constante sonho de beleza. Vivendo para a Arte, a ela serviu com o seu fulgurante e imenso talento, a ela se entregou por inteiro. Dotada de invulgar inteligência e possuindo um raro e pode-

roso encanto pessoal, Suggia assim que entrava no palco, cingia a si o violoncelo e levantava o arco, já tinha conquistado o público que, fascinado, febril e vibrante, escutava recolhido a espantosa artista.

Nascida no Porto, a 27 de Janeiro de 1885, contava apenas sete anos quando se apresentou em público e já fazia parte da Orquestra do Porto ainda não tinha completado doze.

Aos quinze anos foi para a Alemanha aperfeiçoar os seus estudos e dois anos depois fazia a sua apresentação como violoncelista nos concertos de Leipzig, logo realizando digressões pela Europa.



Mais tarde, Guilhermina Suggia trabalhou com Pablo Casals, com quem fez uma famosa tournée em 1912, colaborando ambos nas audições do "Concerto" para dois violoncelos, composto por Em. Moor, e dedicado ao eminente artista catalão.

Logo após a primeira grande guerra, Suggia fixou residência em Londres, tornando-se rapidamente conhecida e apreciadíssima em Inglaterra, tendo tocado algumas vezes em particular para a família real inglesa. Fez-se ouvir com grande frequência pelo público londrino, sempre com unânime elogio da crítica.

Em 1923, o seu retrato, o

mais conhecido de todos e o mais famoso da artista, foi pintado por Augustus John e encontra-se no "Tate Gallery", de Londres.

De regresso ao Porto, ficaram memoráveis os concertos que realizou, voltando de novo a Inglaterra em 1949, onde se fez ouvir pela última vez nos Festivais de Edimburgo.

A 30 de Julho de 1950, Guilhermina Suggia falecia no Porto, sendo o seu desaparecimento uma perda irreparável para a música portuguesa e para a arte em geral. Servindo-a com fervor e a mais perfeita dignidade, Guilhermina Suggia cobriu de glória o seu nome e a sua Pátria.